

Junqueiro e Dalila: dois portuenses ilustres

Aproximações e diferenças

ÂNGELO ALVES*

Resumo: O texto pretende fazer uma aproximação entre a vida e o pensamento de Dalila Pereira da Costa e do Poeta Guerra Junqueiro. A biografia de ambos apresenta pontos de intersecção, apesar da diferença de idades. São portuenses ilustres, cada um a seu modo. São representantes de uma visão poética da cultura portuguesa e do destino de Portugal. Nas respetivas obras resplandece um encontro com o cristianismo: em Junqueiro, uma assimilação racionalista e crítica; em Dalila, um misticismo de rara profundidade e de encontro ortodoxo com Deus revelado em Jesus Cristo.

Palavras-chave: Guerra Junqueiro, Dalila Pereira da Costa, Escola Portuense, racionalismo, mística portuguesa.

Abstract: The text approaches two Porto philosophical tradition personalities: the poet Guerra Junqueiro and the writer Dalila Pereira da Costa. The works of both authors join the same concern: the description of Portuguese cultural identity and its relation with Christian tradition. Junqueiro remains in a rationalistic perspective while Dalila develops a deep orthodox mystical experience.

Keywords: Guerra Junqueiro, Dalila Pereira da Costa, Oporto Philosophical School, rationalism and Christianity, Portuguese mystic.

* Faculdade de Teologia – Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Quiseram os Organizadores do “Ciclo de Tertúlias sobre Junqueiro”, já a decorrer no Ateneu Comercial do Porto, que fosse evocada a figura de Dalila Lello Pereira da Costa, por ocasião do aniversário do seu falecimento. Convidado, logo me pareceu que seria conveniente e possível fazê-lo, mantendo a continuidade do tema geral; pois era óbvio que, tratando-se de dois portuenses ilustres, se poderia evocar as aproximações e diferenças entre eles existentes.

I. Dois portuenses

Ambos são portuenses culturalmente, pois foi nesta cidade e região northenha que desenvolveram a sua atividade cultural e a sua produção literária. Junqueiro, por companheirismo ideológico e ação política e, sobretudo no final da vida, por residência secundária. Dalila, por naturalidade e residência familiar, por afeição à cidade que a viu nascer (à qual dedicou um livro – *A Cidade e o Rio*), e por afinidade ideológica com a “Escola Portuense”.

Ambos são portuenses pelo lugar da edição da maior parte das suas obras, apesar da distância que as separa – um século. Até a editora é a mesma: Livraria Chardron e Lello e Irmão Editores, na cidade do Porto.

Curiosamente, a comunicação de Dalila ao Colóquio *Junqueiro e a Modernidade*, publicada em 1998, apresenta em epígrafe, esta dedicatória: “À memória de meu avó António Lello, editor e amigo de Guerra Junqueiro”. E, em entrevista da jornalista Manuela Gonzaga, feita a Dalila em sua casa, em 1996, é assinalada a presença de um retrato de Junqueiro na biblioteca, que foi utilizado para ilustrar a capa do livro *Guerra Junqueiro. Fragmentos de Unidade Polifónica* (da autoria de Henrique Manuel Pereira e publicado em abril de 2015, na Cosmorama Edições), onde consta a seguinte legenda: “O retrato de Guerra Junqueiro que figura na capa, fixado em 1923, pertenceu a Dalila Pereira da Costa. Reproduzindo-o, manifesto a minha vontade de evocação e grata homenagem.”

Na antologia *Espirituais Portugueses*, organizada por Dalila e Quirino de Santa Vitória e publicada pela Fundação Lusíada, encontram-se textos de Junqueiro na primeira secção, intitulada “O Caos”, justificando-o com estas palavras:

“Assim nos decidimos a representar e propor de início alguns aspectos que nos pareceu serem a matriz do ser português, como forças do caos, ou abismo; forças primordiais que por elas, como indiferenciadas e transpessoais, o homem português pode em si e por si usar. [...] São elas a Noite, a Terra, o Mar, o Amor, antes de tudo o Caos (ou loucura, na realidade humana).”

Este propósito insere-se no desígnio geral da antologia:

"Assim pretendemos nestas páginas de uma antologia, mostrar um possível caminho de sacrifício e ascese portuguesa que, iniciando-se ao nível mais primordial da terra e do homem, como seu tónico e seu inconsciente, subirá aos mais altos de uma consciencialização, luz, como libertação, ou união com Deus: no herói, no profeta, no místico, e supremamente, no santo."

"Caminho de libertação, em que indissolúvel e cumplicemente o homem português surge unido com a Natureza – tal como teria sido apontado ou seguido, por Frei Agostinho da Cruz, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes..."

E sobre Junqueiro, em particular, acentua:

"Que essa libertação se faça, na nossa ascese, através da dor, e que nesta espiritualidade haja um caminho trilhado preferentemente através dela, que, vindo desde as funduras da terra se erguerá até às alturas do céu, como trabalho de libertação realizado pelo Espírito, que nessa ascensão realiza a santificação do homem e por ele, a da Natureza – ninguém melhor do que Junqueiro o disse na sua Carta-Prefácio aos *Pobres*."

Nesta mesma secção, a par da antologia de Junqueiro, encontram-se textos de Antero, Bruno, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Bernardim Ribeiro e outros.

Mas é sobretudo na comunicação ao Colóquio *Guerra Junqueiro e a Modernidade*, realizado na UCP-Porto, em 1997, sob o título "Um processo de redenção universal pelo amor e pela dor", que Dalila interpreta e sintetiza o pensamento filosófico-religioso de Junqueiro, apresentando-o no fim, como Mestre Espiritual; a sua tese pode considerar-se resumida nestas frases:

"Assim haverá uma modernidade claramente assumida por Junqueiro: visível no progresso desde as mais primárias formas de vida, até às estelares e a Deus. Tal como a novíssima cosmovisão, gnosiológica e ainda particularmente epistemológica, que abateu barreiras – até uma final teologia."

"O mundo caminha para um cristianismo integral, puro e perfeito que absolutamente harmonize coração e razão, ciência e fé, natureza e Deus."

"E na actualidade, justo nestes nossos dias recentes, esta afirmação de Junqueiro, é declarada e usada como interdisciplinaridade; unindo num só

enfoque e usando numa mesma finalidade, as ciências humanas e físicas – até à teologia.”

Seguidamente e justificando o título de Mestre Espiritual, no fim da comunicação, Dalila cita novamente uma das últimas obras de Junqueiro, *Prosas Dispersas*, e o testemunho de Luís de Magalhães e de João Grave (este no prefácio do livro póstumo do Poeta, *O Caminho do Céu*), que defendem o regresso de Junqueiro à fé cristã dos tempos da infância, e esclarece a sua posição quanto à parte polémica da sua obra, apoiada numa declaração do mesmo, já na maturidade e velhice. A citação de Junqueiro é esta:

“Eu tenho sido, devo declará-lo, muito injusto com a Igreja. *A Velhice do Padre Eterno* é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Animou-o e ditou-o o meu espírito cristão, mas cheio ainda dum racionalismo desvairador, um racionalismo de ignorância, estrito e superficial.”

A posição de Dalila é compreensiva e conciliadora, ecuménica; e sintetizada nestas palavras:

“Esta obra [*A Velhice do Padre Eterno*] e *A Morte de D. João* surgirão integradas no combate para a renovação e a elevação moral e espiritual de Portugal, partilhada pelos seus amigos e companheiros, os Vencidos da Vida; atente-se no nome de Eça de Queiroz, na dedicatória da *Velhice*. E ouçamos ainda a nota do poeta nesta obra, definindo-a: “Seleccção de 50 poemas que são 50 balas que, partindo de diversos pontos, vão todos bater no mesmo alvo”: e que serão fruto da elevada exigência do poeta, vero cristão, perante a Igreja.”

E termina com um apelo aos portugueses e uma esperança:

“A todos os portugueses resta-nos agora, para poder completar quanto possível o caminho desta progressão espiritual, do cosmo, da humanidade e do poeta, conhecermos as suas obras inéditas. Porque, no dizer do poeta, o que publicou nada é em comparação com o que tinha inédito: entre elas; “Oração à Flor”, “Oração ao Homem”, “Flores do Ideal e do Infinito”; e sobretudo “Unidade do Ser”, que o poeta considerou seu testamento espiritual, e que na *Oração à Luz* (3.^a edição, Lello e Irmão – Editores) foi anunciada para sair brevemente.”

Dalila revela aqui consonância com o pensamento poético e filosófico-religioso de Junqueiro, inserindo nele a visão cristã da criação evolutiva e da redenção por Cristo, finalizada com a transformação do Universo e a

manifestação da Sua glória no fim da história da Humanidade, visão que foi a de Junqueiro no final da vida, como ela mostra.

Importa acrescentar que, até hoje, não terminou a saga da publicação da aludida obra *Unidade do Ser*, apesar das tentativas anunciadas. Apenas em 2003, a instâncias do Dr. Joaquim Domingues, foi publicado o resumo que Junqueiro, já próximo da morte, escreveu: "Para me servir de guia no Resumo completo e definitivo que vou fazer da minha teoria", segundo anota. Foi publicado na revista *Teoremas de Filosofia*, n.º 8 (outono de 2003).

II. Portuenses ilustres

Henrique Manuel Pereira, no seu livro *Guerra Junqueiro. Fragmentos de Unidade Polifónica*, publicado em 15 de abril de 2015, faz a história desta saga, que ainda não sabemos se teve ou terá um final feliz.

Esta obra reporta-nos ao esforço empreendido pelo seu autor para a reabilitação da memória do poeta de *Os Simples*, desde 1997. Ele fez parte da Comissão Executiva do Colóquio realizado na UCP-Porto, em janeiro desse ano. Na mesma altura foi feita uma edição especial dos livros *Oração à Luz e Oração ao Pão*, na Lello Editores, com introdução de Pinharanda Gomes, que adota a mesma linha de revisão da polémica que, no meio católico e tradicionalista, rodeou a obra de combate político de Junqueiro, no sentido de compreender a sua atitude mais como crítica aos homens da Igreja e do regime monárquico do que como rejeição e afastamento total da mesma Igreja católica e do Cristianismo. Tal como fez Dalila anteriormente e nesse mesmo Colóquio, como foi já referido.

Esta evocação dos eventos culturais recentes e da bibliografia sobre a obra dos portuenses visados neste encontro é suficiente para provar que eles são, na nossa atualidade cultural, verdadeiramente ilustres.

Resta-nos focar mais detalhadamente a personalidade e a obra de Dalila, que foi objeto de homenagem e tema de dois colóquios, em 1999 e 2008, e de um dossiê da revista *Nova Águia*, em 2012, ano da sua morte (segundo semestre). Seguidamente, em 2013, por ocasião do 1.º aniversário da sua morte, foi publicado o primeiro ensaio teológico sobre a sua experiência mística, que tinha sido apresentado como tese de mestrado, na Faculdade de Teologia da UCP-Porto, em 1999, da autoria de Joaquim da Silva Teixeira, sacerdote carmelita, aluno da mesma Faculdade.

Estas iniciativas culturais, movimentando muitos intelectuais e investigadores, tornaram mais conhecida esta obra singular da nossa literatura

visionária e mística e reconhecida a sua autora como poetisa, filósofa e mística, como hermeneuta do sagrado na natureza, na história da Pátria e na mística universal, aparecendo como profeta de uma mística ecuménica cristã, que antevê como exigência necessária ao futuro do nosso mundo, cada vez mais globalizado.

1. O primeiro Colóquio referido (*Dalila Pereira da Costa e as Raízes matriciais da Pátria*), realizado em 1996, foi um marco decisivo para a receção e valorização crítica da obra de Dalila, ao perfazer vinte e cinco anos de vida literária. Foi decisivo e explosivo, porque até aí ela estava confinada a um círculo reduzido de amigos e admiradores, mas ausente dos foros públicos de debate e das instituições universitárias. Foi, no dizer de João Ferreira, da Universidade Católica de Brasília, “o abrir de uma janela imediata para o seu pensamento, mais profundo, mais interessante, mais subtil e mais importante do que à primeira vista pode parecer”.

Ocorreu no Ateneu Comercial do Porto, organizado por Paulo Samuel e Joaquim Domingues, com apoio da Fundação Lusíada.

As atas do Colóquio foram publicadas pela Fundação Lusíada, em 1998, sob coordenação de Paulo Samuel. Incluem dezoito comunicações, além das palavras de “Apresentação”, das “Palavras de encerramento” e da “Saudação” na UCP-Porto. Além disso, o volume aparece enriquecido com duas secções finais: *Marginália*, que inclui três contributos de ausentes do Colóquio, que não puderam associar-se: Henrique Barrilaro Ruas, por motivo de doença; João Ferreira, Professor da Universidade de Brasília; e Martina C. M. Nolding, Vice-presidente da Academia Luso-Brasileira de Letras; e o *Apêndice*, que inclui quatro textos e duas entrevistas, já publicados antes do Colóquio – de 1991 a 1996 – além de uma “Nota biográfica” e da “Bibliografia activa de Dalila L. Pereira da Costa”.

Escusado será dizer que estas secções enriquecem muito as “Actas do Colóquio”, do ponto de vista do tema – *As raízes matriciais da Pátria*.

É de destacar o contributo mais extenso – 86 p. – em que João Ferreira se propõe comentar o que considera a espinha dorsal do original pensamento de Dalila, que abre uma linha de pesquisa no âmago das raízes matriciais da Pátria e um promissor trilho em direcção ao estrato místico da cultura portuguesa.

Depois de percorrer toda a obra em nove parágrafos, conclui:

“Um retorno a este pensamento emblemático ajuda a mostrar como um país se constrói com base em ideias e mitos inspiradores de acção histórica. A poesia, a mística e a filosofia operam como forças primordiais da construção do espírito português e como processo de gnose na tentativa de interpretação ou deciframento de um segredo mostrado, aberto e fechado simultaneamente.”

Também é digna de menção especial a interpretação metafísica da experiência mística e da sua comunicação lógica-racional na obra de Dalila, feita por Francisco Soares – “A instância mística na prosa de Dalila”. Salienta que o livro *A Força do Mundo* retrata a impossibilidade da fala como forma de comunicar o saber atingido por via de iluminação (não por via dedutiva ou racional, mas indutiva ou de experiência). O estilo de Dalila, nessa como noutras obras posteriores (provocadas pelo mesmo espanto dessa experiência extática inicial), é, no seu conjunto, circular, repetitivo, desenhando a esfera de Parménides, ou o retorno ao Centro, à Força do mundo que nele se contém. Mas adota igualmente o paradoxo, como único modo de nos aproximarmos da sugestão do incomunicável, do indizível.

Acrescenta ainda uma terceira componente do estilo de Dalila: o recurso à interrogação, à dúvida e à negação. Mas detém-se no esclarecimento da relação entre o modo circular ou repetitivo e o modo paradoxal interpretando-os simbólica e metafisicamente.

O círculo, pela sua mensagem de plenitude, parece simbolizar a fusão na divindade, o panteísmo evolutivo. O paradoxo (que não é uma figura geométrica, mas um processo lógico-linguístico), implicando a composição ou união de dois contrários (que se excluem, mas não absolutamente), ou de dois atributos opostos do mesmo sujeito, surge como uma moeda de duas faces opostas; é uma espécie muito particular de caos, que parece levar à rutura entre o discurso, ou forma lógico-linguística que apresenta o êxtase, ou a comunicação da experiência mística, e o recurso à mesma experiência donde promana e se pretende dar a conhecer em verdade. Essa experiência matriz é puro dom, irrepetível por conquista própria, fora do alcance de quem a recebeu.

O paradoxo, porém, não é inútil: pode dizer-se mesmo que é imprescindível na comunicação linguística humana. Com efeito, as duas faces contrárias da mesma moeda, vistas em oposição, formam uma relação ou um círculo, uma totalidade que as duas partes integram; a oposição ou contrariedade, que as insere na totalidade, gera nesta uma tensão e um movimento circular, ao menos no plano lógico-linguístico, ou da relação dos conceitos com a totalidade a que dizem respeito; remetem para ela, mas não a significam ou dizem real. Antes surge como um vazio ou limite de significado, que pode chamar-se um nada. Esse vazio ou nada é algo indizível, porque fica fora das duas faces contrárias e é suposto como resultado de uma tensão, distante da fala, mistério inefável, que só por recurso à experiência, a outra experiência, é que pode ser tomado como real. Destas duas possibilidades de significação do círculo vem a sua imagem de perfeição, enquanto o paradoxo ou oximoro acentua mais o vazio ou nada real, a sua divisão e composição, apelando finalmente para uma totalidade ou plenitude absoluta.

Entretanto, parece que a interpretação do círculo e do paradoxo na sua relação não se eleva ao nível ontológico e metafísico, não passando do nível lógico-linguístico. Aqui impõe-se referenciar a diferença ontológica radical, absoluta, qual é a de “ser” (verbo) e de “ente” (substantivo). O “Ser” puro e simples é significativo de pura atividade, precisamente a de excluir absolutamente o não ser puro, o vazio ou nada absoluto. Enquanto o “ente” é significativo de um todo, de um composto de duas partes contrárias: o ser (atividade), e um sujeito indeterminado que o limita e distingue de todos os outros. Por isso, o Ser puro é sempre um mistério, indizível e inefável, um vazio para o conhecimento humano, mas real como a plenitude da Realidade, de todos os entes, que não são reais senão enquanto são partes dessa Plenitude de ser, que é pôr-se a si mesmo, estar posto (na Realidade) e agir para si mesmo.

2. O segundo evento a ilustrar Dalila foi outro Colóquio. Desta vez, não diretamente sobre a sua obra, mas sobre um tema nela versado ampla e profundamente, a saudade, na sua relação com a portugalidade e com Deus.

Foi o *III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, que ocorreu de 10 a 20 de maio de 2008 no Porto e em Viana do Castelo. Foi organizado pelo Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras do Porto, em parceria com o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, o Centro Regional do Porto da Universidade Católica e a Universidade de Compostela, “em homenagem a Dalila Pereira da Costa”, autora de *A Nau e o Graal*, por ocasião dos seus 90 anos.

As suas *Atas* foram publicadas no mesmo ano de 2008, pela editora Zéfiro. Contém três conferências e dezoito comunicações. Duas das conferências versam sobre a obra de Dalila. Apenas sete comunicações versam sobre a saudade, como é vista no seu pensamento.

Parece merecerem destaque as conferências “Eu era Outro. Experiência mística em Dalila Pereira da Costa”, de Paulo Borges, da Universidade de Lisboa; e “Das Saudades à Saudade através da Saudade. A Leición de Dalila Pereira e María Zambrano”, de Andrés Torres Queiruga, da Universidade de Santiago de Compostela.

Entre as comunicações, merecem destaque, por motivos diferentes, as de J. Pinharanda Gomes, Joaquim Domingues, Miguel Real, Rui Lopo e Manuel Ferreira Patrício, da Universidade de Évora.

É de salientar que o livro de Dalila *Os Instantes nas Estações da Vida*, publicado em 1999, é objeto de exegese interpretativa muito esclarecedora de Manuel Ferreira Patrício e é tido por ele como indispensável para conhecer o seu itinerário espiritual e o seu pensamento sobre a saudade, a par do seu segundo livro, *A Força do Mundo*, de 1972. Dão-lhe igual relevo J. Pinharanda Gomes e Joaquim Domingues.

3. O terceiro evento foi também uma homenagem prestada a Dalila, no ano da sua morte, pela revista *Nova Águia*, que publicou no segundo semestre de 2012 um dossiê, composto por três poemas e catorze artigos sobre a sua personalidade e a sua obra, todos marcados por forte cunho pessoal e emocional. Os mais extensos são os de J. Pinharanda Gomes, Carlos Henrique do Carmo Silva, Paulo Ferreira da Cunha, Pedro Sinde, Pedro Teixeira da Mota e Rodrigo Sobral Cunha.

São treze os intelectuais intervenientes, mas só um é repetente – J. Pinharanda Gomes, que participou em todos os outros eventos. O mais compreensivo da sua evolução espiritual e filosófica é o de Pedro Sinde, que trata expressamente da relação que Dalila manteve, na sua vida e no seu pensamento, com o Cristianismo e a fé católica, como indica o expressivo título “Uma capela incrustada numa anta (Excertos de um opúsculo)”.

Também Paulo Ferreira da Cunha versa a mesma temática no testemunho “Dalila, mestre ecléctica”, salientando que o seu “eclectismo não era um irenismo tranquilo. Por certas coisas era devota incondicional. Tinha antes de mais, uma espécie de religião da Pátria”.

4. Finalmente, o último evento a ilustrar Dalila, no nosso meio cultural, foi a publicação da tese de Mestrado intitulada *A experiência mística na obra de Dalila Pereira da Costa*, apresentada na Faculdade de Teologia da UCP-Porto, em 2013, por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, da autoria de Joaquim da Silva Teixeira, sacerdote carmelita e aluno da mesma Faculdade.

É o primeiro ensaio hermenêutico, do ponto de vista da teologia católica, sobre a obra da Dalila até aí (1999) publicada. Trata profusamente da fenomenologia da experiência mística, tal como a autora a apresenta; faz, em seguida, o confronto da teoria da mística com a hermenêutica que Dalila faz da sua experiência, do ponto de vista gnosiológico, ontológico e antropológico; encara, depois, a tipologia da mística de Dalila, classificada como mística da Trindade de Deus na Unidade; e termina por vincar a perspetiva ecuménica desta mística, favorecendo o diálogo inter-religioso e marcando o papel particular dos portugueses na história da humanidade, vista à luz da história da salvação, tal como é vivida pelo Cristianismo, neste mundo cada vez mais globalizado.

5. Podemos, pois, concluir que Dalila Lello Pereira da Costa é efetivamente uma “portuense ilustre”, pela sua obra singular no panorama do pensamento português, com forte afinidade à tradição portuense da “Filosofia portuguesa”, indo até ao misticismo naturalista, no qual incrustou a visão e expectativa cristãs da história portuguesa e universal.

APÊNDICE

**A Obra de Dalila Pereira da Costa perante a crítica portuguesa.
Alguns testemunhos de admiração e hermenêutica****1. PAULO SAMUEL*****Arqueóloga de Mitos. Filósofa da transcendência portuguesa***

"Devemos estar gratos à Graça que fecunda a múltipla criação de Dalila. O seu verbo, ora sibilino ora profético, aqui de maternidade atónica, ali de paternidade deífica, espraia-se como os areais deste rosto da Europa em áreas tão distintas conquanto complementares como a poesia e a sua vertente, a investigação corográfica e hagiográfica, com passagens pelo estudo do simbolismo na arte do românico e do manuelino. Noutro plano, ocorre ainda a sua interpretação – à luz de uma interpretação mítico-cultural que lembra o sábio matosinhense José Ramalho Teixeira Rego – das tradições, dos relatos medievos e da poesia galaico-portuguesa em ordem a uma mitografia de Portugal e à realização última do homem português, a par das passagens que já dedicou aos ritos de passagem, às raízes arcaicas da epopeia portuguesa, à transcendência da Saudade, ao conhecimento místico enquanto via gnósica e gnosiológica, enfim, à arqueologia dos sonhos, numa perspectiva de leitura junguiana."

(Dalila Pereira da Costa e as raízes matriciais da Pátria, Lisboa, Fundação Lusíada, 1998, p. 29-30).

2. JOAQUIM DOMINGUES***Escapa aos moldes correntes da nossa Literatura***

"Fruto da maturidade, a obra de Dalila Pereira da Costa, na já extensa lista de livros e dispersos, e na fecunda densidade do seu estilo inconfundível, escapa aos moldes correntes da nossa literatura. Ela retoma incessantemente uma experiência vivida, secreta, cuja singularidade só alusivamente se pode comunicar, à luz da qual desenvolve um persistente esforço para decifrar os sinais esparsos na paisagem, nas pedras e nos textos de um novo povo cuja identidade se esvai à míngua de actualização da memória viva.

Que possamos reconhecer-nos nessa demanda por domínios quase esquecidos e onde raros se aventuraram é o que faz o encanto dessa obra, porque nos envolve na perseguição dos mesmos problemas, enigmas e mistérios."

(Ibidem, p. 19-20).

3. MANUELA GONZAGA

Um caso seríssimo da literatura portuguesa

“É uma mulher sem idade, que vive para além do tempo, numa casa rodeada por um jardim, em plena selva de cimento, no coração do Porto. Dalila Pereira da Costa é um caso seríssimo na literatura portuguesa. E no pensamento português. [...] A mim, Dalila Pereira da Costa lembra-me uma tecedeira. Os seus livros, as suas palavras, formam uma tapeçaria onde se enlaçam memórias de raízes dispersas, a herança grega, a herança céltica, a herança cristã e outra, muito mais antiga, quando ao espaço que é hoje Portugal se chamava o país das Serpentes, e aqui se cultuava a grande Deusa Mãe, com altar na Serra da Lua, hoje Sintra. E desse enlaçar de memórias ela segura com uma segurança de sibila um fio condutor e traça o desenho onde nos podemos ver, como um espelho purificado e transcendente.”

(Encontro/Entrevista no jornal *Semanário* – Lisboa 8.06.1996, 2.º caderno p. 6-7 ou *Dalila Pereira da Costa e as raízes matriciais da Pátria*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1998, p. 184-185).

4. PAULO A. E. BORGES

Um lugar inconfundível no panorama do pensamento português

“A profunda e injusta desatenção a que tem sido votada a obra de Dalila Pereira da Costa constitui um daqueles males por omissão que em nada abonam não só os responsáveis culturais, como mais gravemente, nós mesmos, seus amigos e leitores.

A singularíssima obra da autora, quer pelo género misto da poesia, meditação mística, hermenêutica e ensaio, quer, sobretudo, pelo seu objecto e método, ocupa um lugar inconfundível no panorama do pensamento poético-visionário e filosófico português. [...] Provida dum estilo simultaneamente circular e inventivo – afirma o próprio sentido espiralante que descobre no movimento cósmico –, bordado em filigrana pelo espanto da sua suspensão interrogativa, pela exaltação vidente e pânica da inspiração, pela contemplação intuitiva ou pelo toque místico, a autora assume um perfil de Sibila cuja expressão oracular decerto afasta os amantes das ideias claras e distintas, confusos entre a treva ou a sombra originária de onde toda a luz procede. E, através dos seus livros, é essa mesma ignota e funda Origem, que nevoenta de Mistério, nos interpela. Uma Mãe, uma voz, uma voz de Mãe: a Saudade.”

(*Ibidem*, p. 53)

5. LIMA DE FREITAS

Figura ímpar da cultura portuguesa; pensadora, poetisa e desvendadora de mitos

“É desde há muito Dalila Pereira da Costa uma figura ímpar na nossa cultura, inovadora e luminosa, que não cessa, ao longo dos anos, de nos surpreender como pensadora e ensaísta não só pela sua agudíssima e por vezes relampejante penetração indutiva, escorada numa sólida e profunda cultura de um tipo raríssimo no nosso país, mas também pela oportunidade e riqueza de textos de uma originalidade não rebuscada que convocam a nossa admiração, já pela variedade intrínseca de sentidos que exprimem, já pelo timbre da sua alta inspiração.

Dalila Pereira da Costa é, em Portugal, um dos nomes mais altos entre os raros que avultam, na hermenêutica a um tempo poética e filosófica dos grandes textos criadores da nossa cultura. A sua decifração e leitura de Fernando Pessoa é a esse título exemplar, arrojada e única. [...]

Bastará talvez dizer que em Dalila Pereira da Costa temos a felicidade de possuir uma pensadora, uma poetisa e uma devastadora de mitos, de símbolos, de lendas e mistérios, e também *palavras de poder*, que são um tesouro generosamente ofertado às gerações portuguesas destes tempos do fim – ou do princípio.”

(*Ibidem*, p. 77, 82, 83)

6. ANTÓNIO TELMO

Escolhida como intermediária do invisível para o visível

“Sinto-me verdadeiramente confundido por ter de me juntar a esta celebração de Dalila Pereira da Costa, porque tenho a ideia no espírito do ser que nos transcende, a essência inominada, que ela constantemente tem e, por vezes, adorado. [...]

Mas se quisermos ver, e o soubermos ver, todos, na nossa querida Amiga, alguém que foi escolhido como intermediário do invisível para o visível, a admiração por ela não é mais – é sobretudo – um apelo à ascensão do nosso ser do visível para o invisível, e então sim, abrir alas para deixar passar além de nós é um rito digno dos homens e mulheres que aqui estão, não só unidos pelo mesmo sentimento, mas bussolando a alma para o único descobrimento que importa. [...]

Por mim, devo confessar que tenho grandes dificuldades. Toda a obra de Dalila emerge daquela visão semidivina em que se lhe revelou um aspecto de Deus, não por mérito moral ou aperfeiçoamento psicológico, quando era

ainda uma rapariga, sem qualquer preparação espiritual premeditada. Como falar daquilo que nem sequer sei o que seja?

Só há um processo de sair da dificuldade: procurar seguir, folha a folha, o movimento da sua alma e pôr a minha alma em ressonância com a dela, como quem pressente uma luz ao longe, mas que para ser alcançada é obrigado a desbravar uma floresta espessa."

(*Ibidem*, p. 89, 90)

7. JOÃO FERREIRA

Uma das mais subtis e originais

intérpretes contemporâneas da cultura portuguesa

"Para os estudiosos mais atentos, esse belo programa [do Colóquio de maio de 1996] significava o reconhecimento, embora tardio, do valor de uma das mais subtis e originais intérpretes contemporâneas da cultura portuguesa. Para outros, o evento alertava sobre o começo esperançoso de um virar de página da crítica portuguesa, que agora se colocava simbolicamente a favor de uma derrubada do muro de Berlim, escancarando a resistente muralha de preconceitos positivistas e materialistas que durante quase todo este século se instalaram na cátedra universitária portuguesa, chegando a dominar a mente de notáveis personalidades em destaque na cultura nacional do período e a impedir que contribuições de tipo espiritualista pudessem ganhar *status* de debate nas universidades e foros públicos de opinião.

Por isso mesmo é mais que oportuno abrir uma janela imediata para o estudo do pensamento de Dalila, mais profundo, mais interessante, mais subtil e mais importante do que à primeira vista pode parecer.

É de registar, porém, que o oportuno debate que sobre ela é provocado por pesquisadores dedicados ao estudo da Renascença Portuguesa e por todos os pensadores ligados à revitalização dos estudos não só da Renascença, mas de Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Álvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros e Afonso Botelho. Admirada pelo mestre Agostinho da Silva, espiritualista livre e heterodoxo, por António Quadros, que juntamente com ela preparou a edição da *Obra de Fernando Pessoa* publicado por Lello e Irmão, por Pinharanda Gomes e outros intelectuais amigos, Dalila conseguiu obter na mente dos organizadores e na escrita dos conferencistas do Colóquio do Porto a unanimidade que faltava."

(*Ibidem*, p. 147-148)

8. ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Pensadora solitária, poetisa e mística, na continuidade da “Escola portuense”

“Se é possível encontrar antecedentes à escola portuense em Uriel da Costa – encontrando raízes Amorim Viana no que Pinharanda Gomes chama de *leitura filosófica sefardita* e que, segundo ele, viria de Maimónides até Espinosa – podemos também encontrar consequentes a esta escola de pensamento, seja no movimento que ficou conhecido por *Filosofia Portuguesa*, provavelmente o seu expoente, seja na obra singular duma pensadora solitária como Dalila da Costa, nascida em 1918, e cuja obra se define dentro do vínculo dinâmico de liberdade no conhecimento de Deus.

Portuense de nascimento, Dalila Pereira da Costa vive o sensível do transcendente ou uma relação verosímil com a verdade, que faz dela uma poetisa, mais interessada na mística propriamente dita ao modo de Ibn-Arabi, cujo lugar ela toma entre nós, que no pensamento racionalista filosófico-teológico, ao modo de Maimónides ou Averróis.”

(*Ibidem*, p. 171-172)

9. PAULO BORGES

Uma interpretação metafísica subjectiva da experiência extáctica

“Cremos que os termos são claros [de Dalila em *A Força do Mundo*, p. 11-12], tornando-se apenas obscuros para quem resista a uma das experiências mais universalmente presentes no património das possibilidades humanas e dela se refugie nas distinções do intelecto conceptual discursivo, permanecendo refém de uma lógica dualista cingida aos princípios de identidade e não-contradição, por isso mesmo incapaz de se transcender na compreensão da experiência fulgurante expressa como *eu era o Outro*. O que Dalila designa como ‘divino’, ‘realidade transcendente’ e ‘Outro’ é a própria experiência da derrocada ou rebentamento dos ‘limites habituais’ da percepção de si, estruturados pela clivagem entre sujeito e objecto, interior e exterior, transcendente e imanente, dando lugar a um sentimento de si como idêntico ao incondicionado, no indizível da coincidência e ausência dos opostos – eu e Outro, imanência e transcendência – numa experiência que inclui a sua poderosa e indubitável evidência [..].

A dificuldade reside em se continuar a referir como ‘divino’, ‘transcendente’ e ‘Outro’, isso que na verdade se experimenta na transcensão de toda a suposta dualidade e distinção entre ‘divino’ (ou ‘sagrado’) e ‘profano’,

'transcendente' e 'imaneente', 'eu' e 'outro'. A questão é que se continua a usar um dos termos destas oposições para designar a experiência da sua transcendência, fazendo com que, onde ela falte, não se possa compreender esta mutação de sentido, esta metáfora. Sem a experiência em causa, não se dá a condição da sua (auto-)compreensão iniciática e permanece-se na exterioridade da sua mera representação conceptual."

(*Actas do III Colóquio Luso-galaico sobre a Saudade*, p. 24-25)

10. J. PINHARANDA GOMES

Dalila optou por uma vida de monja, à semelhança de Agostinho da Cruz

"Ao conhecimento perfeito, isto é metanóico e imaneente, capaz do transcendente, alguém chamou 'plena consciência'. Considerando o caso de Agostinho da Cruz, Dalila Pereira da Costa, ainda que na interrogativa, aduz que essa plena consciência significa um ultrapassar-se, um possuir-se totalmente a si mesmo no Absoluto, para se poder dar totalmente aos homens, na missão que lhes foi incumbida do alto e concebida sobre a terra. [..]

O caso de Dalila tem pareanças com o de Agostinho da Cruz. Felizmente ainda temos de respeitar a sua privacidade quanto a disciplinas ascéticas, mas pelo menos a questão eremítica é já patente. De facto, cremos que desde meados do vigésimo século, Dalila optou por uma vida de monja, habitando a sua casa, erguida a eremitério, numa rua do Porto, circundada por um fresco jardim. Casa com muitas divisões e considerável património, sendo porém certo que ela resumiu a sua cela ou ermida a uma ou duas salinhas do rés-do-chão, vivendo a graça do silêncio. O primeiro e intemporal testemunho desta via experiencial consta de um texto de vera sacralidade, que transmite a mais íntima experiência (prolongada) da existência da vida divinizada. [Em nota: "*Três Meditações sobre Êxtase*, publicado em francês em 1970, e compilado no volume *A Força do Mundo*, em 1972, p. 5-64."]

Felizmente Dalila respondeu a algum apelo no sentido de explicitar o seu peculiar e inconfundível itinerário ascético, redigindo uma autobiografia espiritual intitulada *Os Instantes nas Estações da Vida* (Porto, Lello Ed., 1999), pela qual nos é facultado o retrato de uma alma, desde a infância à missão de escritora e de pensadora, retrato esse que, a nosso ver, em vista da amplitude e da multivocidade da obra publicada, será de muita utilidade o ser lida antes de prosseguirmos a leitura de outros títulos. [..]

Se tomarmos como data inicial o ano de 1965, temos que a vida eremita já ultrapassa a duração de quatro decénios, algo menos do que a entrega de

Agostinho da Cruz. Também Dalila, na metamorfose, terá sentido a força da emenda, quer dizer, de correcção da vida prática.

Ousamos admitir que onde Agostinho da Cruz pensou na *emenda*, Dalila pensou no *despojamento* de todas as coisas que perturbam a recta visão do essencial. Achamos justificativo para este juízo na Oração intitulada 'A Deixação': 'Foge, vai para longe, tão longe/ onde nunca estiveste,/ pois de nome desconhecido./ Aí o Amor, verdadeiro de mim/ conhecerás'."

(*Ibidem*, p. 87-88)

11. MIGUEL REAL

Hoje, a grande representante da tradição espiritualista e providencialista do pensamento português

"Autêntico mito vivo da filosofia portuguesa, autora de uma das mais impressionantes obras emergidas a partir da década de 70, desenvolvendo uma reflexão poético-filosófica de carácter intensamente lírico e espiritualizante, numa linha de continuidade com as obras dos seus mestres portugueses Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, criadora de uma auréola de suspensivo enigma em torno da sua escrita num barroquismo de linguagem que, habitualmente envolve e prende a consciência do leitor numa bruma conceptual misteriosa, elevando-o a alturas celestiais, Dalila Pereira da Costa é hoje, à entrada do século XXI, após a morte de Agostinho da Silva e de António Quadros e a deriva radical de António Telmo para o esoterismo puro e duro, a grande representante da tradição espiritualista e providencialista do pensamento português. Estamos certos que a sua obra marcará abundantes investigações filosóficas ao longo do século XXI, como Sampaio Bruno tem marcado fortemente uma específica linha da cultura portuguesa ao longo do século XX. [...]

A obra de Dalila Pereira da Costa apropria-se de um modo singular, absolutamente único, de duas vertentes culturais tradicionais do pensamento português: a vertente mística e a vertente mítica, cruzando ambas num estilo lírico-poético, teluricamente neo-romântico, muito ao modo de Teixeira de Pascoaes. Como referimos, Dalila Pereira da Costa faz a sua entrada no pensamento português com a discrição de experiências místicas pessoais, relatadas em *A Força do Mundo*, que António Quadros, no texto citado em nota, retomando palavras da autora, designa por "metafísica experimental", de vivência totalmente sobrenatural e totalmente desprovida de categorias teóricas iluminadoras ou enquadradoras, fazendo equivaler as experiências de Dalila Pereira da Costa às vivências místicas descritas por Santa Teresa de Ávila."

"Elevando a poesia ao nível de uma experiência sagrada, retomando a visão clássica do grande poeta como mensageiro divino, e a experiência individual do sonho como canal ou via espiritual de acesso a uma noosfera de essência sobrenatural, Dalila Pereira da Costa ensaia nos seus livros comunicar-nos e fazer-nos comungar da existência de uma outra realidade, espiritual, acrónica e atónica, totalmente imune a categorias racionais por que se sistematiza a realidade quotidiana. É justamente este sonho visionário e místico que perpassa em todos os parágrafos da autora, numa tentativa ensaística de aproximação tenteada, não raro conseguida, a uma realidade metafísico-espiritual, de carácter sagrado, atingida intuitivamente, que desorienta totalmente o leitor versado e abusado no uso corrente e articulativamente lógico da razão. Após a experiência da ultrapassagem de uma primeira leitura imediata do conteúdo e do estilo da escrita de Dalila Pereira da Costa, passados o 'mar tenebroso' da sua decifração simbólica e o choque racional sentido, o leitor deleita-se centrando-se numa fusão mística com o objecto desvelado."

(*Ibidem*, p. 127-128; 129-130)

12. RUI LOPO

Grandes núcleos formais e temáticos da obra de Dalila

"A singular obra de Dalila Pereira da Costa pode ser organizada em grandes núcleos formais e temáticos, de forma a facilitar a sua leitura e interpretação, permitindo integrá-la na cultura a que pertence e de que é importante momento e lugar de reflexão: elo de uma remota e desatendida cadeia de autores que tem procurado perscrutar o sentido dos símbolos, mitos e imagens mais arcaicas e actantes da história e da cultura portuguesa, cadeia na idade moderna retomada por Sampaio Bruno.

A interpretação que aqui se propõe como panorâmica leitura de conjunto desta grande Obra parte da consideração desses núcleos como estruturas formais e não como momentos ou fases de um pretenso processo evolutivo linear, ou de sentido único. [...]

Em termos formais, reconhecemos que a distinção destes núcleos pregnantes de onde promana a obra de Dalila não significa que – enquanto seus elementos ou aspectos – eles não se interpenetrem: a descrição da experiência extática, dita mística, configurando uma matriz bem diferenciada das outras na economia da obra de Dalila (e até diríamos fundante), estabelece-se em diálogo com as outras e expressa-se também através de um raciocínio nocional e conceitual de uma discursividade filosófica e teológica cujo lastro

de erudição e o alto fôlego especulativo não colidem com uma marcada pul-
são descritiva e poética. [...]

A interpretação que propomos da multimoda Obra de Dalila Pereira da Costa situa no seu coração a peculiar experiência mística descrita nos primeiros livros redigidos. Assim, é duma experiência descrita como extraordinária e de abertura à transcendência que promana um modo de dizer por correspondências, analogia, sugestão, símbolo e metáfora, na medida em que a verdadeira natureza das coisas é inefável, não se deixando dizer diretamente (conforme desde Heráclito, na história do pensamento ocidental se tem reiterado). Essa experiência primordial de *desvelação* sentida e reconhecida como possuidora de uma importância extrema é descrita de forma poética. Essa descrição é entrecortada por referências eruditas universais e por tentativas de fundamentação ou compreensão filosófica, onde se presente uma ontologia de tipo neoplatônico, de ressonâncias gnósticas, herméticas ou cabalísticas. É depois, ao nível da exteriorização discursiva, isto é, da *revelação*, que julgamos detectar a eclosão de Portugal como esfera de dizibilidade posterior àquela experiência."

(*Ibidem*, p. 167, 171, 177-178)

13. MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

O terceiro "Instante" extático

"O terceiro Instante traz 'a segunda vinda do Salvador, agora em Pessoa, e de novo em hora de morte'. O apelo destinal que o Salvador lhe faz tem duas faces. Primeira: 'de retorno, reconhece essa face que se ergue sobre o mar'. Segunda: para subir em espiral no seu ser, desde seu centro. É a linha destinal de uma vida, da vida do vero eu. A que Dalila tem desenhado e seguido. Lê-lo nas suas palavras, escritas a pedido, para nosso conhecimento e benefício, é emocionante. Tocamos, com essa leitura, num nervo fremente de eternidade, fazemos uma tangente vibrante ao próprio corpo do ser. O conto do itinerário espiritual místico de Dalila dá-nos o sinal na frente da experiência da dimensão de eternidade. Recordando as visitas rápidas, 'essas visitas rápidas', de uma vida já longa, diz-nos ela: 'tudo será sempre como uma presença sentida'. Direi; o seu livro faz sentir essa presença. Que maior oferta nos poderia fazer?"

(*Ibidem*, p. 196)

14. J. PINHARANDA GOMES

O “último livro” de Dalila, o texto-chave, que se intitula Os Instantes nas Estações da Vida

“Toda a obra de Dalila se resume na contemplação, no cerne de um sentimento pensante, transcrito num olhar analógico e aberto ao outro: ‘contemplari et contemplata aliis tradere’. [...]

Este um tanto longo excursão, justifica o nosso propósito de propor que o último livro de Dalila, ou que encerra a vida que o seu espírito comunicou ao público, seja o texto-chave que se intitula *os Instantes nas Estações da Vida* (1999), publicado numa colecção designada *Espirituais Portugueses*, (em que também foram editados textos modelares de Leonardo Coimbra, Junqueiro, Pascoaes, Teresa Saldanha, Sílvia Cardoso, etc.). [...]

Nos demais livros, sempre e de muitos modos, Dalila nos propõe vias de acesso à sua alma, mas é neste *Os Instantes*, que o essencial de quanto pensou, visionou e sofreu, enfim, viveu, nos é revelado, sem hipóteses de catáfica hermenêutica. Usando um modo marinheiro, diremos que n'*Os Instantes*, Dalila, mais do que abordou o veleiro rival: tomou-o e dele deveio dona.”

(*Nova Águia*, n.º 10 – 2.º semestre, 2012, Sintra, p. 68-69)

15. CARLOS H. DO C. SILVA

Entre narrativa do mito e experiência mística

“Rara a sua vivência perpassada assim em *símbolos e mitemas*, mas que se deixa também entrever em indicativos vivos de um *testemunho* pessoal, de uma *mística experiência* que acaba por segredar. De facto, quando se indague de outros testemunhos publicados dessa vivência não apenas de interioridade, mas de experiência mística em que se atesta um ‘estado alterado de consciência’, um êxtase de fogo e luz remetendo a inspirada ou transcendente fonte, não se encontra, nem nas páginas mais intimistas e doloridas de Leonardo Coimbra, nem no aflorar da intuição fulgurante da visão de José Marinho, nem sequer nas emotivas páginas de outros pensadores e poetas da saudade, algo de similar ao que em Dalila se pode reconhecer. [...]

Fica essencialmente e em comum, na *comunicação*, com os pensadores sobretudo portuenses, também da filosofia portuguesa e mais largamente de toda a poética da língua pátria em seu mito máximo, a sua *maré* de palavra. E dizemos *maré*, podendo-se desenvolver todo o simbolismo do *mar*, pelo ritmo da onda, da continuidade da *saudade* que lhe timbra o ser. Não um *estar* saudosos, mas o ser dessa saudade que é a *vida*: ‘*como supra-essência de cadeia no tempo*’. [...]

*Prossegue ainda a descrição de Dalila (da experiência extática): Aí nessa estrutura, forma e cores são abolidas, para subsistir unicamente uma luz deslumbrante. Dá-se como uma superação (ou transmutação) das imagens da terra (ou do ser). Como se houvesse, não talvez uma destruição de imagens, mas um despojamento. Tal o *Entbilden* e a *Abgeschiedenheit* de Eckhart; ou a imersão num oceano de Luz na nirvânica distinção de todas as destrinças, esta iluminação extática apenas é referida por uma série de espasmos interrogativos e numa suspensão: *O que atingimos? Em que esfera de ser penetramos?* ou, como num espelho: *Somos iniciados*. É este penetrar, um último penetrar, inultrapassável? A primeira e a última no ser – a Divindade? Aqui como *Gottheit*, não o Deus revelado... É esta anulação das imagens, o seu *ultrapassamento, uma transcendência?*"*

(*Ibidem*, p. 70, 72, 86-87)

16. MARIA JOSÉ LEAL

A sábia de Ophiusa e aqueles que procuram manter a sua Sabedoria

"A propósito das jóias literárias de autores pouco divulgados falou-se de Dalila Pereira da Costa e da publicação da Fundação Lusíada de 1998, sobre o Colóquio ocorrido em Maio de 1996, no Ateneu Comercial do Porto *Dalila Pereira da Costa e as raízes matriciais da Pátria*, por ocasião das Bodas de Prata da sua actividade de escritora. Depois de lidas as comunicações do Colóquio passei à leitura das obras da homenageada, comecei por *Da Serpente à Imaculada, A Nau e o Graal*, e aí por diante, num descobrir progressivo pelo ensaio ou pela poesia da sua espiritualidade, da sua perspectiva teleológica duma Pátria mística e transcendente, caminhando até ao arquétipo mais antigo deste pedaço ocidental, *Ophiusa* terra dos *ophi* que cultuavam as Serpentes detentoras de Sabedoria. [...]

No rés-do-chão aonde não se abriam janelas, percorríamos as estantes da sua biblioteca e mostrava-me as últimas obras que lhe tinham sido enviadas pelos autores. Eram *Aqueles* que, por certo, fariam permanecer incólume a *paideia* da Terra de *Ophiusa*, apesar dos ventos dissipadores que em crescendo a assolavam e quiçá destruam. – O que será deste país? Era uma pergunta sofrida que punha com frequência. Puxando pelas estratégias da prática do caduceu, recordava-lhe o princípio inevitável da morte e do transmutado renascer aplicado a tudo o que é vivo, inclusive os povos e os países e enunciava uma série de guardiães, *Aqueles* que ela bem conhecia e que se exercitavam na prática de manter viva a Sabedoria em que ela ocupou toda a vida.

Foram aqueles que em Maio de 2008 estiveram presentes para celebrar da forma mais assertiva os noventa anos de Dalila realizando o *III Colóquio Luso-galaico sobre a Saudade*, numa homenagem à Sábida de *Ophiusa*."

(*Ibidem*, p. 95-96)

17. PAULO FERREIRA DA CUNHA

Dalila Mestre ecléctica, mas não irenista tranquila

"Apenas fiado na memória, relembro a Mestre. [...] E Dalila não sendo professora, era Mestre, [...] como o Mestre o deve ser, semeando a todo o vento preciosidades, que caem em terrenos diversos, e em cada um, segundo a sua qualidade, dão (ou não) correspondente fruto.

Mais ainda, Dalila não tinha um sistema, essa rigidez de pensamento, que busca o *nexus veritatum*, implicando a limpidez inatacável de uma dedução necessária, como apontava Christian Wolf [...]. Isso significa que não doutrinava, não impunha, não pregava, não aspirava por seguidores ou convertidos. Isso faz toda a diferença entre o Mestre e o *Cappo di Scuola*. Perguntamo-nos mesmo se teria *um método*. E a sua linha é de um fluir a nosso ver criativa e criadoramente ecléctica. Não de um eclectismo de 'caldo de pedra', em que tudo cabe. Mas aquele que Van de Velde aconselhou, como bom pintor (além de arquitecto e designer), ou seja, harmonizador de cores contrastantes: colhendo sempre o bom, onde quer que se encontre. [...]

Não nos apressemos a qualificar a nossa filósofa. Um dia, à saída de um colóquio – não me lembro qual – vai dar-se um episódio que revela mais uma vez o eclectismo de Dalila, mas até certo ponto.

Falava ela com um cavalheiro, então de meia idade (quem seria) e comigo, a propósito do desencantamento do Mundo [...] e mesmo sobre a crescente falta de espiritualidade e de fé. Eu acompanhava-os, discípulo, ouvindo.

A certo momento, não sei se pela distensão e fim de congresso se por meia provocação, se por convicção íntima o ponderado doutor (presumo que o fosse) disse algo como isto:

'As coisas neste terreno estão catastróficas. Não tenho dúvida de que, no futuro, a breve trecho mesmo, a fé será apenas representada pelo Islão, e tudo o mais desaparecerá ou será reduzido a uma expressão ínfima.'

Era algo de chocante, para mais proferido ainda à sombra da Universidade Católica.

Mas Dalila visivelmente desperta pela heterodoxa tese, não a contesrou sequer (era de uma extrema delicadeza genuína, sem salamaleques, mas preocupada com não ferir os outros, sem deixar de esclarecer), antes

disparou com sinceridade à flor da pele o que a preocuparia mais, se tal acontecesse:

'E então que seria de Nossa Senhora'.

Acho que a conversa ficou por ali."

(Ibidem, p. 99, 101)

18. PAULO SINDE

Dalila: Uma capela incrustada numa anta

"Um menir com uma cruz em cima ou, antes uma anta com uma capela incrustada, como um diamante num anel, assim Dalila: o cristianismo prolongando todas as vivências sagradas anteriores, como uma forma renovada do sagrado. Não como 'mais uma', pois que cada uma é insubstituível no papel único que desempenha no tempo e no espaço que lhe cabe e para uma certa variedade tipológica das almas [...]

E assim Dalila, ela mesma: praticando o catolicismo, renova ritualmente a sua alma – a capela –, mas Dalila não era apenas 'capela' era também 'anta' e, assim, a sua religião interior abrange todas as religiões do mundo, que se estendem até ao que intitulou genericamente de 'paganismo' (abarcando, na verdade, com este termo, todas as religiões ditas 'cósmicas'). [...] Na verdade, ambas (a capela e a anta) formam em si um único templo, sem nenhum tipo de sincretismo. O catolicismo é a forma presente, neste tempo e neste espaço, para esta alma, mas ela mesma, em si, contém e aceita outras formas religiosas. Por outras palavras, o sagrado actualiza-se em si agora, nesta vida, através do catolicismo, no entanto, o passado desta alma, em múltiplas vidas, conheceu outras formas religiosas. Se não há nenhum tipo de sincretismo, porque a sua prática foi sempre exclusivamente católica, também não há nenhuma forma de relativismo, porque, aceitando que há múltiplas formas ortodoxas de que o sagrado se reveste, também sabe que cada uma tem um 'lugar' e um 'tempo' reservados.

O leitor que não conheça a sua autobiografia espiritual – *Instantes nas Estações da Vida* – pensará que exagero. Mas não, não exagero, pois todas as experiências místicas de Dalila têm como referência a 'escatologia e a teologia católicas'; ela assim o diz explicitamente, como veremos já de seguida."

(Ibidem, p. 99, 101)

19. PEDRO TEIXEIRA DA MOTA

A sua casa, a sua pequena tebaida ou tapada urbana portuense – uma fundação onde o seu legado fosse aprofundado e divulgado

“Dalila sabia aliar à sua grande sensibilidade humana, poética e religiosa, e ao seu amor pela Pátria e pelo Divino, um sentido do dever de ‘pater-mater’ de família não só de generosa e cuidadosa hospitalidade como de pragmática administração das suas quintas e do seu vinho, com o seu caseiro, o Sr. Acácio, mulher e filhos e que, tratando de tudo, exigiam contudo de quando em quando a sua presença e capacidade decisora.

Também a sua pequena tebaida ou tapada urbana portuense tinha nela uma autêntica fada, muito empenhada nas flores, arbustos e árvores que rodeavam a sua casa (que frequentemente era a primeira parte da visita) e máxime na sua pequena estufa onde apurava, certamente com a ajuda de gnomos e fadas, belos espécimes de plantas, com que me ia presenteando os ouvidos e alma nomeando-as ou levando-me a acariciá-las e admirá-las: ‘ora veja, ora veja’.

Nesta casa apalaçada do século XIX, princípios do XX, que bem merecia tornar-se um núcleo museológico ou uma fundação na qual o seu legado fosse aprofundado e divulgado, Dalila tinha ao seu dispor numerosas salas marcadas pela tradição portuguesa, tendo no rés-do-chão, à direita de quem entrava, a vasta sala da biblioteca, que era onde recebia os visitantes (em geral com um cãozinho, com quem sempre vivia carinhosamente, a reclamar festas ou atenção) e onde cerca de 3 mil livros guarneciam o corpo de estantes instalado em duas paredes, enquanto que nas outras duas alternavam as janelas e cortinados brancos, que davam para o jardim frondoso, com as imagens e gravuras de família ou de predilecção. Em alguns móveis iam-se depositando seja as fotografias dos amigos principais, seja os objectos sagrados que lhe oferecíamos. [...]

Mas era no 1.º andar que Dalila tinha o seu pequeno escritório (que partilhava com mais reserva) e onde numa máquina de escrever antiga ia redigindo e corrigindo os seus livros, fiel à sua missão e inspiração, enriquecendo assim a tradição cultural, mítica e espiritual portuguesa, da qual é certamente no século XX, uma das mais valiosas culturas. [...]

Mas, curiosamente, apesar do seu muito amor a Portugal, ao Catolicismo e à Nossa Senhora, Dalila estava bem ciente do lado excessivamente masculino, patriarcal, ou mesmo machista do judeo-cristianismo e que, aliado à ‘peçonha’ da ‘cobiça e ambição sem freio’, fez falhar em parte a missão portuguesa (e ainda hoje a impede de desabrochar...), pelo que valorizava muito do extrato anímico feminino, já vivenciado tão sagradamente pelas civilizações pre-indoeuropeia e pre-cristãs e que deixaram fundas raízes na alma portuguesa [...].”

(*Ibidem*, p. 109-111)

20. JOAQUIM DA SILVA TEIXEIRA

Dalila: uma mística ecuménica para o nosso mundo em globalização

“A obra que temos vindo a abordar é um sinal de que a sua autora é uma iluminada pelo Espírito, que abre novos horizontes de encontro e comunhão das várias diferenças e sensibilidades. Dalila vem-nos dizer que o ecumenismo, a união entre os povos, religiões e culturas, se dará, mediante uma profunda conversão, metanoia ou metamorfose, e um sincero diálogo com os que sintonizam neste movimento e têm a consciência de estarem a prestar um serviço ao homem e a Deus. Portanto, *metanoia*, diálogo e serviço são os três pilares através dos quais podemos sintetizar na obra de Dalila o edifício ecuménico. [...]

Dalila apresenta-se com uma posição autorizada no campo do ecumenismo, pois estabelece pontes de ligação não só com as demais igrejas cristãs mas também com as demais religiões. [...]

O ecumenismo, segundo Dalila, há de estender-se ao mundo da ciência, da cultura e mesmo do ateísmo. [...]

Neste aspeto, Dalila é profética, apresentando uma visão unificadora, respeitando autonomias dos vários saberes, acelerando o advento da desejada unidade na diversidade, de um homem integral, em contraposição à fragmentação que a modernidade operou.

A autora traz-nos novamente à memória Bento Espinosa e a sua tentativa de elevar a experiência mística a um sistema filosófico e científico, de forma a unir estes dois domínios de procura de um ‘novo e global saber’, numa aproximação à Realidade, a ser confirmada por ambos. [...]

Mas que pensa Dalila destas questões e que papel reserva à Igreja Católica nesta preocupação ecuménica?

Dalila entende o cristianismo, onde se situa, como uma religião-limite, uma religião de fronteira, logo de diálogo privilegiado com outros sistemas religiosos e culturais. [Em nota: “Raramente Dalila se refere à Igreja Católica enquanto tal. Mas parece-nos que, quando se refere ao cristianismo em geral, tem presente sobretudo o cristianismo na sua versão católica, que é a principal referência religiosa e espiritual da autora.. [...]”]

Aliás, o cristianismo é para Dalila uma religião-charneira quer pela sua posição geográfica quer pelo dinamismo do amor que lhe está subjacente [...].

E ele foi suscitado no nosso mundo para prestar um serviço de orientação dos homens para a ‘Fonte inesgotável de vida’. [...]

Como mística da portugalidade, marcada pelo sebastianismo, profecia, saudade, mito do V Império..., Dalila reserva aos portugueses uma missão específica no campo ecuménico, dada a sua situação geográfica – ligam o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente, o Atlântico e o Mediterrâneo –, ao ponto

de considerar que Portugal, como 'fronteira, traço de união, por opostos, entre Ocidente e Oriente, surgirá como o país de cunho mais oriental do Ocidente'.

Mas Dalila coloca o cristianismo a dialogar com as correntes espirituais e culturais lusas. Desde o contexto do esoterismo-cristão português, apresenta-nos, por exemplo, o esoterismo como uma via de reconversão do cristianismo, de forma a desocultar nele dimensões esquecidas ou reprimidas. [...]

O cristianismo nada terá a perder com o diálogo com os mitos lusos, onde o sebastianismo, tal como a força da saudade, é, segundo Dalila, uma excelente expressão do cristianismo. [...]

Na interpretação histórico-filosófica de Portugal, no seu cariz expansionista e universalista, Dalila descobre uma 'missão ecuménica', pois 'A filosofia da história portuguesa terá de ter em vista a noção de amor fraterno de dimensões ecuménicas, incluindo todas as raças em sua dignidade', porque este amor é movido por um 'modelo transcendente', visando mais o ser do que o ter, mais a sabedoria que o saber. A obra de Dalila é um precioso contributo para a realização desta missão épica e transcendental. Contrariamente aos aventureiros holandeses e ingleses, com fins economicistas e comercialistas, os descobridores portugueses levavam esta missão ecuménica de mandato divino. [...]

Contudo, para que o povo português cumpra esta missão transcendental, exige-se-lhe um reencontro consigo mesmo, uma verdadeira conversão [...].

Este destino, em tons de autêntica epopeia, há de verificar-se na história, desde que a conversão se opere, mas como todos os ideais superiores abre para uma realização escatológica em plenitude. A profecia, a saudade, o messianismo conduzirão à união do homem luso com Deus, no reino do Quinto Império, e nele toda a humanidade da terra encontrará um mediador universal de salvação. [...]

Apesar de não estar isenta de um certo sincretismo religioso, não provocando o distanciamento necessário e clara circunscrição da especificidade de cada mística, mas deixando-se conduzir pela forte emoção que o tema da mística provoca no seu espírito, o seu testemunho e legado são de um significado extremo.

Dalila, visionária de palavra sibilina, vem lembrar ao cristianismo e às demais religiões e espiritualidades que a hora é também de diálogo, de colocar em comum a especificidade de cada experiência mística, para que, sem nada renegar da identidade própria, por esta via os povos encontrem uma saída fecunda e carregada de esperança."

(A experiência mística na obra de Dalila Pereira da Costa, Maia, Cosmorama Edições, 1913, p. 206-232, passim)